

Autor: Robert J. Wieland

Texto em espanhol disponível em: <https://libros1888.org/guia.htm>

Tradução: Biblioteca 1888 (biblioteca1888.org)

GUIA DA MENSAGEM DE 1888

A Importância de Compreendê-la

Uma crescente preocupação assola muitos: “A mensagem de 1888 é importante o suficiente para merecer meu tempo?”

Sim. É. É o que anseia o coração sedento de todos que aguardam a segunda vinda em todo o mundo. Por que nos impacta como um relâmpago? A mensagem *foi “o início” de uma explosão transbordante do Espírito, sem precedentes desde os dias de Pentecostes*. Foi o início da “chuva serôdia provenientes do céu”. Era o refrigério das boas novas, tão desejadas pelos corações sedentos em todos os lugares. “A terra” seria “iluminada por sua glória”.

De fato, uma luz brilhará sobre o Islã, o Hinduísmo, o Catolicismo, o Protestantismo e o Paganismo. “Outra voz do céu” deve alcançar cada alma humana: “Saíam dela [Babilônia], povo meu!”, cumprindo a tão esperada profecia de **Apocalipse 18**. Nosso emblema poderia incluir um quarto anjo “poderoso”, ao lado dos três anjos usuais nas fachadas de igrejas e escolas.

Será que a mensagem é tão importante assim? Desde que os apóstolos do primeiro século revolucionaram “o mundo inteiro” (**Atos 17:6**), nenhuma mensagem alcançou tal feito, embora o “clamor da meia-noite” de 1844 tenha chegado perto. O Senhor estava determinado a preparar um povo *bem ali* para enfrentar os eventos finais da história. A ordem do dia não era preparar-se para a morte, mas para a transladação.

No mínimo, podemos dizer que é perturbador.

Mas a mensagem do Senhor não era uma exigência aterradora: “Façam o impossível!”. Não se tratava de uma jornada individual sob a opressão do medo, mas de uma *experiência de fé*. Como o orvalho que cai sobre campos ressequidos, a mensagem era uma chuva refrescante de graça que “abundava” muito mais do que todo o pecado abundante que o diabo pudesse arquitetar. Ela cativava o coração. O brilho de uma esperança alegre começava a se espalhar, porque se via o caráter de Deus sob uma nova luz. Ellen White descreveu isso como virar uma esquina e dar de cara com Jesus, sorrindo para você, não franzindo a testa, “um Salvador

próximo, ao alcance; não muito distante”, que pegaria sua mão e diria: “Vamos, vamos para o céu!”. As boas novas da Bíblia acendiam uma luz motivadora em corações desanimados. Era surpreendente! Adolescentes estavam sendo conquistados para o evangelho. Deus não estava tentando impedi-los de ir para o céu, mas preparando-os para lá. Cada página escura da Bíblia começou a ser iluminada pela luz das boas novas.

Não deveríamos ter recebido tal mensagem com alegria transbordante? Certamente, a notícia do nascimento do Messias em Belém, trazida pelos pastores, deveria ter atraído uma multidão de sacerdotes de Jerusalém para recebê-lo. Mas, assim como aconteceu com eles, algo estranho ocorreu conosco. Com exceção de uma pequena minoria de ouvintes, a mensagem foi recebida por nós, cem anos atrás, da mesma forma que Jesus foi recebido pelos judeus, dois milênios atrás. Uma pena inspirada diz que, se Cristo tivesse estado fisicamente entre nós, nós o teríamos tratado como os judeus o trataram.

Qual era exatamente a mensagem?

Seria apenas o ensinamento evangélico de sempre que ouvimos a vida toda? “Jesus me ama, eu sei disso. Devemos nos esforçar para sermos bons. Pecamos e Jesus nos perdoa, então por que reinventar a roda?” Alguns de nossos próprios teólogos sinceramente pensaram que a mensagem de 1888 era simplesmente uma ênfase renovada nos ensinamentos da Reforma Protestante do século XVI, ou nos ensinamentos de grupos evangélicos da atualidade.

Mas, por trás dessa aparente simplicidade, havia algo diferente. Ellen White compreendeu que a mensagem de 1888 ia muito além daquelas transmitidas pelas igrejas populares que observam os domingos. Era “a mensagem do terceiro anjo em verdade”, “luz ampliada”, “uma mensagem que é verdade atual para este tempo”, “luz do céu”, “a luz que iluminará a terra com a sua glória”. Não se tratava apenas de Jesus perdoar pecados; *ele também nos salva do poder e da escravidão do pecado, aqui e agora*. Há esperança até mesmo para os viciados. Foi a mensagem do evangelho mais abrangente que o mundo moderno já ouvira, pois se baseava na verdade da purificação do santuário. Aqui estão algumas das ideias principais recuperadas da mensagem de 1888:

1. Uma Abordagem Revigorante da Justificação pela Fé

A ideia predominante há cem anos (e até mesmo agora) era que a justificação pela fé era meramente o perdão dos pecados passados: uma manobra legalista de Deus que remove a culpa, mas deixa o pecador crente em um impasse: até a santificação, não há progresso real na superação do pecado. Mas a mensagem de 1888 mostrou muito mais. O que alegrou o coração de Ellen White ao ouvir a mensagem foi que a justificação torna o crente obediente a

todos os mandamentos de Deus. Ela realiza o que muitos acreditam ser exclusivo da santificação. Não há necessidade de esperar pela santificação para saber o que significa guardar esses mandamentos! Na genuína justificação pela fé, o coração é reconciliado com Deus; não é *meramente* um ato judicial que declara a absolvição dos pecados passados. Essa compreensão mais profunda significa que *já* se desfruta da vitória sobre o pecado, visto que é impossível o coração se reconciliar com Deus sem, simultaneamente, se reconciliar com a Sua santa lei. Essa poderosa verdade de piedade prática repousa sobre o firme fundamento de outra verdade, não menos revigorante:

2. Uma Nova Perspectiva sobre a Cruz de Cristo

Começou em 1882, numa experiência em que o jovem E. J. Waggoner vislumbrou a cruz como o centro e a essência da mensagem do terceiro anjo. Quando Cristo derramou o Seu sangue pelos pecados do mundo, Ele *redimiu a raça humana perdida*. Ninguém está isento de um envolvimento íntimo, pois, do contrário, não seria verdade que “pela graça de Deus, provou a morte por todos” (**Hebreus 2:9**). Em outras palavras, Cristo morreu a segunda morte de cada pessoa; Ele morreu o Seu castigo final pelo pecado.

E Ele realizou tudo isso antes que tivéssemos a menor oportunidade de dizer sim ou não. Jesus se envolveu com a alma de cada ser humano até o nível mais profundo do seu ser, até a fonte oculta do seu medo íntimo e pessoal da morte eterna. O sacrifício de Cristo já os libertou desse medo, que os mantinha escravizados “por toda a sua vida” (**v. 14-15**). O pecador pode resistir e rejeitá-lo para a sua própria destruição, visto que Cristo não força ninguém a ser salvo.

Isaías diz: “O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de *todos* nós”. Paulo declara que “ele é o Salvador de todos, principalmente dos que creem”. E João acrescenta que “ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de *toda* o mundo” (**Isaías 53:6; 1 Timóteo 4:10; 1 João 2:2**).

Será que Cristo não faz nada por nós até que iniciemos o processo e o escolhamos como nosso Salvador pessoal? Será ele apenas um Salvador possível, com um grande e condicional SIM? Será que o pecador precisa fazer algo primeiro, como crer ou obedecer aos mandamentos, para fazer de Cristo seu Salvador? Será que nós atuamos como co-salvadores, ajudando a salvar a nós mesmos? A mensagem de 1888 responde: “Não, o sacrifício de Cristo é mais do que *meramente provisional*. Ele é *efetivo* na medida em que Ele comprou nossa vida presente e tudo o que possuímos e somos; mais ainda, Ele comprou a salvação eterna em

nosso favor e a deu a nós como um dom de Si mesmo” (embora possamos rejeitá-la, havendo Cristo cumprido Sua parte).

A paralisia espiritual da mornidão tem origem no nosso íntimo, quando consideramos Cristo como um banco que nada faz até que façamos um depósito. Então, o percebemos como impessoal, distante. Cabe a nós dar o primeiro passo. Raciocinando dessa forma, tornamos nossa salvação dependente da nossa própria iniciativa. No entanto, a verdade é que Cristo já fez o depósito da vida eterna com todas as suas bênçãos, colocando-a imerecidamente em *nossa conta bancária*. Suas bênçãos já são nossas “nEle”. Vamos agora receber o cheque e reconhecer a bênção *pela fé*. Essa fé “opera pelo amor” (**Gálatas 5:6**) e produz, por si só, obediência interna e externa Àquele que deu tudo por nós. Tudo isso está incluído na experiência da justificação pela fé.

A consequência é que a única razão pela qual alguém pode se perder definitivamente é por resistir e rejeitar o que Cristo já realizou em seu favor. A incredulidade pode deliberadamente arruinar o dom que Deus colocou em suas mãos. Essa incredulidade é o pecado dos pecados e é o pecado universal do mundo. Em outras palavras: se alguém finalmente se salva, será por *iniciativa de Deus*; se se perde, será por iniciativa própria. Trata-se de parar de resistir à Sua graça!

Por que é tão importante entender isso? Porque o medo, como motivação, não tem o poder necessário para preparar um povo para a volta de Cristo. Pode despertar alguns temporariamente, mas não muito mais que isso. Existe uma motivação superior, que Ellen White descreveu desta forma:

“A brevidade do tempo nos é apresentada para nos impulsionar a buscar a justiça e fazer de Cristo nosso amigo. Mas essa não é a grande motivação. Cheira a egoísmo. Será que os terrores do dia de Deus precisam ser apontados para nos compelir, pelo medo, a agir corretamente? Não deveria ser assim. Jesus é atraente. Ele é cheio de amor, misericórdia e compaixão.”

“Não é o medo da punição ou a esperança da recompensa eterna que leva os discípulos de Cristo a segui-Lo. Eles contemplam o amor incomparável do Salvador, revelado em Sua peregrinação terrena desde a manjedoura em Belém até a cruz do Calvário, e a visão do Salvador atrai, entenece e subjuga a alma.”

3. Mais Boas Novas

O sacrifício de Cristo reverteu para toda a humanidade a “condenação” que pesava sobre todos nós “em Adão”. Ele literalmente salvou o mundo do suicídio prematuro que o pecado teria nos causado. A cruz do Calvário está impressa em cada pão. “Ninguém, santo ou pecador, come o seu pão de cada dia sem ser nutrido pelo corpo e sangue de Cristo” (O Desejado de Todas as Nações, p. 615). Quando essa grande verdade é compreendida, ela aparece por toda a Bíblia:

“O pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo... e o pão que eu darei é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo” (**João 6:33 e 51**).

“Mas o dom não é como a transgressão. Pois, se pela transgressão de um só homem muitos morreram, quanto mais a graça e o dom de Deus transbordaram para muitos pela graça de um só homem, Jesus Cristo! Nem o dom é como o pecado de um só homem. Porque o juízo que se seguiu a um só pecado trouxe condenação, mas o dom gratuito que se seguiu a muitas transgressões trouxe justificação. Portanto, se a morte reinou pela transgressão de um só homem, quanto mais aqueles que recebem a abundante provisão da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só homem, Jesus Cristo! Assim, como uma só transgressão resultou em condenação para todos, também um só ato de justiça resultou em justificação que dá vida a todos” (**Romanos 5:15-18**).

Uma Poderosa Motivação

O resultado prático de crer nestas boas novas é que, ao experimentarmos a justificação pela fé, *já ocorre* uma mudança de coração em nós. Estávamos afastados de Deus, em inimizade com Ele; agora o vemos como um Amigo. Em outras palavras, “agora recebemos a reconciliação” (**Romanos 5:7-11**), ou “chegamos à paz com Deus” (Ibid.), estamos reconciliados com Ele, recebemos a expiação. Fomos redimidos da morte eterna! É como se alguém, diante de um pelotão de fuzilamento, fosse libertado no último instante. Como Paulo diz: “Apresentem-se a Deus como pessoas ressuscitadas dentre os mortos”. O coração cansado é libertado de seu fardo quando essa “paz com Deus” flui. De agora em diante, nenhum sacrifício por Aquele que sabemos que já nos salvou da destruição parecerá difícil.

Tal amor nos impele a viver para Ele, tornando verdadeiramente fácil ser salvo e difícil ser perdido. Essa noção, imbuída de boas novas, constitui uma parte essencial da mensagem de 1888 sobre a justiça de Cristo (**Mateus 11:28-30; Atos 26:14**).

Parece bom demais para ser verdade? Ellen White amava profundamente essa boa notícia. Seu exemplo favorito era a Proclamação da Emancipação, na qual, sob o mandato de Abraham Lincoln — em 1º de janeiro de 1863 — todos os escravos nos territórios confederados foram legalmente *declarados* livres. No entanto, nenhum deles *experimentou* a liberdade até ouvir a boa notícia, acreditar nela e agir de acordo com ela. Ellen White compreendeu que essa mensagem do evangelho significaria o fim da mornidão generalizada. A alegria que ela lhe trazia a impedia de adormecer à noite.

4. Uma Bênção Adicional

Após uma análise mais aprofundada, a justificação *pela fé* revela-se muito mais do que uma declaração legal de absolvição. Visto que torna o pecador crente obediente a todos os mandamentos de Deus, a bênção inclui o quarto mandamento (o sábado). O selo de Deus é o segredo para vencer os inúmeros vícios que afligem a humanidade pecadora. *Para qualquer pessoa que realmente crê no evangelho, é impossível continuar vivendo em pecado, que é a transgressão da lei de Deus.* Muitos fiéis que guardam o domingo com sinceridade começarão a guardar o sábado do sétimo dia com alegria quando o virem em sua conexão com a justificação pela fé e a purificação do santuário que começou em 1844. Foi-nos mostrado que a verdade do sábado deixa de convencer os corações a menos que seja apresentada em conexão com a purificação do santuário.

5. Mas Há um Problema

Tudo isso ainda deixa espaço para dúvidas, até que possamos entender o que é a fé de verdade. Será um desejo egoísta por recompensa celestial, combinado com um anseio de escapar do inferno? Todos nós admitimos que o desejo de possuir uma mansão magnífica nesta terra denota uma motivação egocêntrica. Mas, ao se tornar cristão, será que essa pessoa simplesmente transfere seu desejo por uma vida de luxo e conforto para a expectativa de uma posição ainda melhor no céu? Se assim for, a motivação permanece egoísta. O interesse próprio só pode inspirar uma devoção comedida, que pode ser descrita em uma palavra: mornidão.

A mensagem de 1888 trouxe à luz uma motivação nova e mais elevada: o desejo ardente de honrar e vindicar a Cristo, como ilustrado pelos sentimentos de uma noiva por seu noivo. Vai além dos desejos egoístas de cada um. *A fé se torna uma profunda e sincera apreciação do grande amor revelado na cruz, independente de nossa ânsia por recompensa ou medo do inferno.* Ela transcende todas as motivações egocêntricas.

Essa “fé... opera pelo amor”. Não há limite para as boas obras ao longo da vida e por toda a eternidade.

6. Ainda Mais Boas Novas

Todos nós estamos espiritualmente doentes e precisamos de um médico para nossas almas. Jesus teve que passar por uma disciplina especial para se qualificar a ser o nosso grande sumo sacerdote (ou psiquiatra divino):

Portanto, visto que os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou da mesma natureza, para que, por sua morte [a segunda], destruísse aquele que tem o poder da morte, isto é, o diabo, e libertasse todos os que, por medo da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida... Por isso, era necessário que ele se tornasse semelhante aos irmãos em todos os aspectos, para que se tornasse um sumo sacerdote misericordioso e fiel em relação a Deus, a fim de fazer expiação pelos pecados do povo. Pois, tendo ele mesmo sofrido quando tentado, é capaz de socorrer os que são tentados... Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; ele foi tentado em todas as coisas, como nós, mas não pecou (**Hebreus 2:14-18; 4:15**).

O termo traduzido como “destruir” significa “paralisar”. É verdade que Satanás ainda não está morto, mas quando cremos nesta boa notícia, ele fica paralisado.

7. Cristo, como Sumo Sacerdote, aproximou-se tanto de nós ao assumir nossa natureza humana que compreende plenamente o poder de todas as nossas tentações.

Ele resistiu “até derramar o seu sangue na sua luta contra o pecado”. Seja qual for a nossa tentação, não importa quão baixo tenhamos caído no pecado, não importa quão terrível possa parecer o nosso desespero, não importa quão avassaladora seja a nossa culpa, “Ele é capaz de salvar completamente aqueles que, por meio dele, se aproximam de Deus, porque vive sempre para interceder por eles”. Ele permanece no Lugar Santíssimo do santuário celestial vinte e quatro horas por dia e nunca dorme (**Hebreus 12:4; 7:25**).

É como se você fosse o único paciente daquele Médico, recebendo toda a sua atenção exclusiva o tempo todo. Imagine ser o único paciente em um hospital, com toda a equipe de médicos e enfermeiros à sua completa disposição! É isso que acontece conosco na unidade de

terapia intensiva de Cristo. *Creiamos* na maravilha das boas novas e nossas vidas serão transformadas profundamente.

Este capítulo é apenas uma breve prévia das revigorantes boas novas contidas nessa "mensagem preciosíssima". Sugerimos que você comece com o livro *Introducción al Mensaje*, de 1888, para um exame mais aprofundado do assunto.